

## *Guerra Interior: conversão e alegoria*

**PALAVRAS-CHAVE:** Congregação do Oratório, Literatura Barroca, alegoria, psicomachia.

**KEY WORDS:** Oratory of Saint Philip Neri, Baroque Literature, allegory, psychomachia.

Basta – disse o soldado – que tenho para ver com os meus olhos esta guerra e batalha? Certo que me não podíeis prometer espetáculo de maior gosto e que cuida-me não será menos útil; porque com o que vir julgo ficarei bastantemente instruído para aprender a batalhar nesta guerra, de cuja vitória pende, como me tendes dito, a minha felicidade eterna.

(*Guerra Interior*, 18-18v)

1. A citação em epígrafe, colhida no final do capítulo VI da *Guerra Interior*, obra do Padre Matias de Andrade, congregado da Casa do Oratório de Freixo de Espada à Cinta, permite uma afortunada conjugação das duas dimensões apresentadas no título deste trabalho. Com efeito, tendo em conta, por um lado, a estrutura alegórica deste texto e, por outro lado, a sua utilização intensiva no quadro da literatura portuguesa de carácter moral, exemplar e espiritual, a conversão e a alegoria convergem nesta figuração da luta interior. De efeito quase tão antigo como a imagem desta batalha acontecida *in imo corde*, retomam-se, assim, as duas constantes da dicotomia horaciana, o *prodesse* e o *delectare*, impossíveis de dispensar no quadro da funcionalidade da literatura na primeira metade do século XVIII. Tendo em conta que *omne tulit punctum qui miscuit utile dulci, lectorem delectando pariterque monendo* (*Ars Poetica*, vv. 343-344), esta conjugação projeta-se no “espetáculo de maior gosto” e no “útil” referidos exatamente por esta ordem na citação em epígrafe, facto que reforça a lição: para nos lembrar que o deleite oferecido aos olhos e à imaginação deve conduzir à instrução e à ação, levando estas ao objetivo principal, a “felicidade eterna”. Consiste este “espetáculo” na “guerra” onde o soldado deve batalhar com determinação, uma “guerra interior”, ou seja, conduzirá esta visualização alegórica a uma conversão que se pretende efetiva, reiterando-se assim um exercício espiritual e literário e uma cosmovisão desenhada entre contornos específicos, que se prolongou até aos nossos dias.

Manuscrito guardado no Fundo Antigo da Biblioteca Municipal de Viseu, com dedicatória a D. Júlio Francisco de Oliveira, Bispo de Viseu (1741-1765), datada de maio de 1743, a *Guerra Interior* apresenta aspetos que muito importa considerar no que diz respeito à obra do Padre Matias de Andrade (Castelo Rodrigo, 1680 – Freixo, 1747), mas também no que toca à literatura de edificação moral e reflexão teológico-mística produzida na última sequência do período barroco português. A produção escrita de Matias de Andrade continua quase desconhecida, com breves referências, incompletas e nem sempre corretas, nos dicionários bibliográficos de Barbosa Machado (III, 452-453) e de Inocêncio da Silva (XVII, 14). Os únicos estudos conhecidos, de Eugénio Francisco dos Santos (1978, 1982) e de Telmo Verdelho (2002), abordam a *Guerra Interior*, para além da restante obra conhecida do padre oratoriano<sup>1</sup>, no âmbito da produção da Congregação do Oratório e do sentimento religioso da época em Portugal. Numa época de perturbação, no domínio estrito da religião mas também no da filosofia, da moral e da ética, a obra de Matias de Andrade de alguma forma se torna voz da cultura e da espiritualidade do seu tempo (Santos, 1978: 249). Preocupado com a formação dos mais jovens e pressupondo um certo clima de hostilidade religiosa, procurou abordar temas fundamentais e fornecer um sentido para a existência individual e para a felicidade neste mundo, apontando uma ventura fundada na paz interior. Acrescente-se a esta intenção didática uma cultura teológica invulgar, entre abordagens morais e místicas, e um discurso persuasivo, num estilo sereno mas vigoroso (Santos, 1978: 250).

No que diz respeito à *Guerra Interior*, a primeira questão tem a ver com o género ou, melhor dizendo, com os géneros que se cruzam de forma a implementar uma estrutura que conjugue o deleite do espírito, pela ficção e pela descrição emblemática, com o incitamento à conversão, pela reflexão e explanação catequética. Desta forma, no fio narrativo entretecem-se capítulos que explicam a ficção, tornando-a subsidiária em função dos objetivos principais de Matias de Andrade.

Esta conjugação de géneros, por outro lado, deriva do facto de a obra também resultar da confluência de modelos distintos de alegoria, que correm uma linha com origem na antiguidade clássica, desde as epopeias homéricas, passando pelo poema narrativo da *Psicomaquia* de Prudêncio<sup>2</sup> e pelos tratados de Santo Agostinho, no século V, até à literatura religiosa e de edificação moral do período medieval. É sobretudo a partir destas duas referências que se constrói a alegoria da “guerra interior” nos seus diversos contornos, sendo de

<sup>1</sup> *Biblioteca Lusitana*, III, 452-453: *Viva Jesus Filho instruído pelo melhor Pai*, Salamanca, Of. Antonio Villagordo, 1731; *Paz interior, Triduo ditoso. Dialogo entre um velho solitário e um mancebo estudante*, Lisboa, Of. Congregação, 1734. A *Biblioteca Lusitana* refere ainda uma *Vida de Santa Magdalena historiada*, umas *Verdades sonhadas introduzidas na fantasia do mundo adormecido*, além da tradução do italiano, o *Tratado para conduzir a alma à estreita união com Deos, e para a conservar, e perfeição no mesmo amor*.

<sup>2</sup> A Biblioteca Nacional tem no seu acervo numerosas edições da *Psicomaquia* a partir de 1527 até 1613. Abundantemente citada, comentada e editada, com larga projeção na história da literatura ocidental, poderia ter feito parte do conhecimento e das leituras do Padre Matias de Andrade.

maior relevância o estabelecimento da oposição diuturna entre duas “cidades”, a cidade do bem e a cidade do Mal, a que também Santo Agostinho chamou Jerusalém e Babilónia, e a batalha entre as virtudes e os vícios.

A representação da psicomauquia, essa “luta da alma e na alma” (subtilidade que Matias de Andrade resolveu bem, optando por “guerra interior”), teve uma influência fundamental na literatura medieval, tomando conta de páginas de catecismos, obras espirituais e narrativas morais. Para além dos escritos de santos, doutores e místicos da Igreja, em que prevalece a figura de S. Bernardo de Claraval, abundantemente citado na obra de Matias de Andrade, encontram-se representações alegóricas em tratados e narrativas tão importantes como o *Liber de Contemptu Mundi*, de Isaac de Nínive (século VII); o *Castelo Perigoso*, título do primeiro livro dos *Tratados Cartusianos*, traduzidos para português no século XIV; o *Roman de la Rose* (século XIII); o *Libro de Buen Amor*, de Juan Ruiz Arcipreste de Hita (século XIV), com a “espetacular” batalha de Dom Carnal e Dona Quaresma; ainda o *Horto do Esposo* e o *Boosco Deleitoso* (inícios do século XV) e o *Catecismo Pequeno* de D. Diogo de Ortiz, bispo de Viseu, impresso em 1504.

Pelas suas múltiplas possibilidades visuais, a alegoria da guerra interior, uma das mais marcantes do pensamento religioso europeu, alcançou também os domínios da iluminura, da pintura e da escultura, destacando-se as obras de figuras como Giotto, com a representação das virtudes e dos vícios na Cappella degli Scrovegni, em Pádua; de Lorenzetti, com a representação das virtudes do Bom Governo e os vícios do Mau Governo, no Palazzo Pubblico de Siena, funcionando como “espelho de príncipes”; ou ainda de Botticelli, o conhecido quadro “Calúnia de Apeles”, exposto na Galeria degli Uffizi, em Florença, deixando de enumerar muitos outros bons exemplos da representação pictórica desta alegoria.

A faceta teatral e visual do barroco, tendendo para a representação alegórica como modo preferencial de explanação de conceitos, dificilmente teria deixado de lado a batalha entre os vícios e as virtudes desenrolada no mais recôndito da alma humana. Estas personificações estão abundantemente presentes no teatro de Calderón de la Barca e de Lope de la Vega, por exemplo, mas na literatura portuguesa manifestam-se de forma mais evidente na poesia e na prosa didática, de meditação e ascese, sobretudo na narrativa ficcional alegórica, de carácter moral e edificante.

Tendo em conta este âmbito mais restrito da literatura barroca, a estrutura ficcional das narrativas enquanto alegoria instalou-se a partir da segunda metade do século XVII, com a obra de Alexandre de Gusmão, padre jesuíta. Para além de toda a tradição que a configuração da psicomauquia possa revelar na sua obra, e que já foi sendo apontada, seria difícil não adivinhar a presença da *Meditação dos dois estandartes*, dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola. As imagens dicotómicas e a linguagem militar, o feroz antagonismo dos campos em luta, entre Jerusalém e a Babilónia, são os aspetos que também Alexandre de Gusmão deixa impressos na sua produção escrita. Na sua primeira obra, de notável carácter

didático, a *Escola de Belém*, publicada em Évora em 1678 (com nova edição em 1735), o Presépio serve de fonte alegórica para o processo de crescimento espiritual. Alexandre de Gusmão desenvolve no Livro II, sobre a Via Purgativa, primeiro grau no aperfeiçoamento espiritual, a Lição III, intitulada “Extirpação dos vícios e a vitória sobre as paixões humanas”, encontrando na lapinha do Menino os instrumentos necessários para o combate aos sete pecados capitais. Pelo menos em mais três obras, Alexandre de Gusmão desenvolveu a alegoria da “guerra” entre virtudes e vícios, estando a “antagonia interior” presente desde logo nos títulos bimembres, ao apresentar as duas partes em oposição: *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1682), a *Eleição entre o bem, e o mal eterno* (1720) e *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé* (1734).

O exemplo da obra de Alexandre de Gusmão seria, com efeito, suficiente para demonstrar o modelo actancial da literatura alegórica, com dois movimentos concomitantes e interdependentes, tal como foram tão eficazmente definidos por Angus Fletcher (1982), *battle* e *progress*, configurados respetivamente no combate e na viagem, na peregrinação, numa “questing journey”, que combina a “luta” com o “amadurecimento” interior. Esta estrutura está presente em todas as novelas alegóricas, passando pelo *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira (1728 e 1733), por *A Preciosa* (1731) e pelos *Enganos do Bosque, Desenganos do Rio* (1736) de Soror Maria do Céu, pela segunda parte de *Brados do Desengano* (1739) e pelo *Reino da Babilónia* (1749) de Soror Madalena da Glória. Representando a viagem da alma pelo seu percurso terrestre, sujeita à sedução dos sentidos, até à sua conversão e redenção final, estas narrativas apresentam a psicomaquia praticamente como estrutura diagramática, baseada na antítese e na simetria. De um lado os adjuvantes, as forças da virtude, do outro, os antagonistas, as forças viciosas, multiplicações de um dualismo básico entre o Bem e o Mal, que influenciam paralelamente a vontade do protagonista (Augusto, 2010).

É neste contexto de uma literatura moral e espiritual que se desenvolve a *Guerra Interior: Diálogo entre um soldado, e outro Companheiro, que se encontrou com este em o caminho, e se supõe ser o seu Anjo*, reconhecendo a eficácia da alegoria enquanto procedimento capaz de facilitar a transmissão de conteúdos doutrinários. Nem se torna difícil perceber que, enquanto professor de filosofia, teologia e teologia especulativa na Casa de Braga e na Casa do Freixo do Instituto Filipino, o Padre Matias de Andrade recorresse a uma alegoria manifestamente evidente, no conteúdo e na visualização.

2. Como estrutura narrativa, a *Guerra Interior* apresenta traços relativamente simples. Num cenário militar, que atinge os dois planos da alegoria, literal e espiritual, a ficção e a explanação doutrinária estendem-se por trinta e um capítulos, num regime de alternância motivada pela necessária explicação do sentido da alegoria. No primeiro capítulo o narrador apresentou as duas personagens: o Soldado e o Companheiro. Sobre o Soldado, ficamos a saber da perturbação em que se encontrava, humilhado por se ter visto rejeitado na hierarquia

militar. Assim, “tão possuído de sentimento” (5v), saíra para o campo, tendo depois dado conta que um homem o vinha seguindo, “mancebo de especioso, e agradável aspeto”<sup>3</sup> (5v). Da confissão das penas que atormentavam o Soldado e da necessidade de pacificar o seu “interior”, nasce o motivo que motivará a narrativa: a intensa guerra interior, de que a perturbação externa do protagonista seria apenas um pequeno indício.

Para além da estrutura alegórica visível, um aspeto contribui para a definição da alegoria: a alteração da relação de causa-efeito e da verosimilhança que regem o desenrolar normal dos acontecimentos. Esta alteração, que dá lugar aos efeitos maravilhosos da fantasia e da imaginação, é provocada pela introdução de um elemento mágico, a ingestão de um “licor suavíssimo”, que transporta as personagens para um espaço situado numa dimensão distinta. A reação do Soldado é de desconhecimento, bem visível na enumeração do “que não vê”, por falta de correspondência deste “mundo interior abreviado de si mesmo” com o seu mundo quotidiano:

Logo, sem saber como, nem de que modo, abriu os olhos do espírito, e viu o seu Companheiro ao lado direito, e que se achavam em ãa região nova, tanto mais admirada, quanto mais dele desconhecida. Estendeu a vista, e descobriu uns espaços quasi intermináveis alumados de ãa claríssima luz muito diferente da do sol, e de mais alta, e superior esfera incomparavelmente. Ofereceram-se-lhe tantas cousas juntas, tão várias, tão formosas, e admiráveis, que estava absorto, pasmado e atônito. O que via não eram campos, não outeiros, não montes, não vales, não jardins, e florestas, não cidades, e povoações, que são os objetos deleitosos e aprazíveis, que se costumam no mundo oferecer aos olhos corporais. Não via ar, não fogo, não águas, não céu, não sol, lua, ou estrelas, senão outras cousas mais puras, mais diáfanas, mais excelentes, mais protentosas, enfim cousas, que ele de antes nunca vira, nem conhecera. (12-12v)

Nesse mundo interior o Soldado admirou duas orgulhosas cidades, “de primorosíssima e prodigiosa fábrica e admirável arquitetura, ãa situada em o mais alto de um monte, e a outra em ãa grande planície ou em um vale” (12v). A primeira cidade correspondia à parte superior da alma, onde residia o Espírito e governava a Vontade, ajudada pelo Entendimento; a cidade do vale era a parte inferior da alma, onde governava o Apetite, logo se desvendando o motivo da “guerra interior”:

Há entre estas duas potências guerra contínua, e inevitável sem esperança algũa de concórdia, e há de durar, em quanto durar a vida: porque não pode haver paz perfeita em quanto o apetite insistir na sua rebelião contra a parte superior; e como esta rebelião nunca acaba, é preciso, que se continue com porfiada obstinação. (15v)

A partir do capítulo VII, com o Soldado e o Companheiro colocados em sítio adequado, têm lugar os dois passos que interessa ter em conta para demonstrar o procedimento e a retórica inerentes às duas estruturas básicas da alegoria moral, a antagonia e o desfile, regidas

<sup>3</sup> O número da folha do manuscrito, com distinção de frente e verso, será indicado à frente de cada citação. As citações apresentam uma versão modernizada da grafia.

por um inequívoco domínio da linguagem visual, conduzindo assim a um recurso constante à descrição. Em numerosas circunstâncias, sobretudo no início e no final dos capítulos, o Companheiro chama a atenção para o “espetáculo” que se oferece aos olhos do Soldado.

E uma das cenas que mais entusiasmou o protagonista foi a descrição da batalha entre os habitantes das duas cidades antagonistas. Este confronto teve lugar nos capítulos XIV e XV, assumindo as duas formas típicas, antagonia e simetria, significando que, para além da constituição de campos opostos, cada um dos componentes ocupava um lugar determinado, previsto também na linha de combate contrária. Esta disposição simétrica, que ordena sequencialmente dos diversos momentos da batalha, torna-se extremamente didática, indicando a virtude e o vício respetivo, para além da sua multiplicação sempre a partir de um eixo bipolar (Augusto, 2007).

Como já foi dito, a *Psicomaquia* de Prudêncio constitui não só o modelo fundamental para esta dualidade mas também para a sua expressão alegórica mais exuberante. Descrevendo a batalha entre os opositores, personificações de vícios e virtudes, são apresentadas sete cenas sequenciais, de igual desfecho mas de diversos procedimentos, tendo como objetivo a vitória nessa rebelião interior: a Fides *versus* Veterum Cultura Deorum; a Pudicitia *versus* Sodomita Libido; a Patientia *versus* Ira; a Mens Humilis et Spes *versus* Superbia et Fraus; a Sobrietas *versus* Luxuria; a Ratio et Operatio *versus* Avaritia; e a Concordia et Fides *versus* Discordia cognomento Haeresis.

Apenas como exemplo, veja-se o combate entre a Humildade e a Soberba (*Psicomaquia*, vv. 178-309). A descrição desta última realça a sua altivez insolente, a presença ameaçadora, bem visível nos múltiplos adereços (montada num fogoso alazão, cobertas de peles de leão, com uma “espécie de torre” formada no alto da cabeça, ostensivamente armada), contrastando com a Humildade, acompanhada de uns poucos soldados e sem ostentação de armas. Na sua insensatez e precipitação, a Soberba acabou por cair nas armadilhas do próprio Engano. Aproximou-se a Humildade e incitada pela Esperança sacou da espada e decepou a cabeça da inimiga, levantando-a ao alto, escorrendo sangue pelos cabelos, enquanto esta proclamava palavras de desengano o orgulho inflamado, condenado ao abismo.

A sequência das cenas de conflito, na *Guerra Interior*, não apresenta contornos tão recortados. Na verdade, a primeira parte do confronto entre a Cidade do Monte e a Cidade do Vale não é decisiva, e só no capítulo XV, assistindo a Rainha Vontade na tenda da oração, acompanhada da Fé, da Esperança e da Caridade, o exército alcança “o mais glorioso triunfo”. Nos capítulos seguintes, o Companheiro vai detalhando passos da batalha em que as virtudes se viram envolvidas, comentando o mesmo passo entre a Soberba e a Humildade:

Poes que direi da batalha entre a *Humildade* e a *Soberba*? Foi esta verdadeiramente engraçada. Pôs-se a *Soberba* na presença da *Humildade* com ùa estatura tão agigantada e prócera, que sobrepuxava as nuvens e lá queria ir a ombrear com as estrelas. Vinha tão inchada que rebentava dentro de si mesma com ser tamanha e, vendo a *Humildade*, a desprezou de maneira que não só

reputava por cousa indigna entrar com ela em batalha, senão que nem pô-lhe os olhos queria, e só como por zombaria olhou para ela, como que lhe tinha lástima. A *Humildade*, que não ignorava a condição da sua contendora e sabia muito bem o modo com que havia de acometê-la, não se perturbou de maneira algũa com a sua vista, antes desprezando o seu mesmo desprezo se uniu quanto pode com o chão, e de improviso se lhe meteu debaixo, sem que a soberba pudesse empregar-lhe um fatal golpe com que ia a feri-la. E chegando-se a *Humildade* a seus pés lhe deu um sopro, o qual bastou para cair aquele fantástico colosso, e para ficar rendida e deixar na mão da sua antegonista a vitória. (38-38v)

A comparação dos passos da *Psicomaquia* e da *Guerra Interior* permite destacar a presença de aspetos distintos: em primeiro lugar, uma abordagem semelhante na figuração da “Humildade”, contrastando a serenidade com a precipitação orgulhosa, e, em segundo lugar, a violência do desenlace da cena no poema de Prudêncio, influência evidente da epopeia clássica no início do primeiro milénio. Em ambos os casos, contudo, a preocupação moral e didática é evidente, apesar de mais desenvolvida na obra de Matias de Andrade.

Um dos aspetos que evidenciam imediatamente o contexto barroco da *Guerra Interior* tem a ver com o discurso emblemático desenvolvido na segunda parte da “visão” do Soldado. Depois da vitória do exército da Cidade Alta, a Rainha Vontade deslocou-se ao Templo, entretanto construído, em ação de graças. A descrição do cortejo que a acompanhou, nos capítulos XX e XXI, foi o ensejo para a inclusão da segunda estrutura acima referida, constante na narrativa alegórica: o desfile de estruturas emblemáticas.

Em cortejo, conduzidas pelo Entendimento, cada uma das virtudes se apresenta na sua maior ostentação, “asseio, bizzarria e magnificência que jamais se tinha visto naquela Corte” (47v), conjugando a riqueza dos adereços e das vestes com o sentido da respetiva letra, sendo tudo devidamente interpretado e explicado ao Soldado. Depois da Temperança, seguiu-se a Fortaleza, a Justiça, a Prudência, os conselheiros de guerra (Entendimento, Ciência e Sabedoria), a Fé, a Esperança e a Caridade, cada uma das virtudes acompanhada dos seus “atos”, vestidos da mesma libré, daqui resultando uma multiplicidade de formas e cores, distinguindo-se pela variedade mas também pelo seu significado:

Seguiam-se imediatamente grande número dos atos da virtude da fé, vestidos todos com roupas mais brancas que a neve, cuja matéria era tão preciosa e subida que não há nesta vida presente cousa a que compará-la. Traziam todos em a mão esquerda um broquel de puro ouro, e entalhadas neles as palavras seguintes: *in omnibus sumentes scutum fidei, ut possitis omnia tela nequissimi ignea extinguerere* [Efes. 6:16]. E, na mão direita, ãa vibrante espada que podia meter terror ao mundo todo. E assim o inculcavam ãas letras que nela vinham esculpidas, que deziam: *vincit mundum fides nostra* [Joan. Epist.1ª, 5:4]. Atrás destes tão lustrosos e valentes mancebos, vinha a soberana virtude da Fé, coberto o rosto com um transparente volante, o qual impedia que se pudesse divisar claramente a sua formosura, mas não de maneira que não se visse, com luz escassa, que a sua beleza era prodigiosa, tanto que, por não ofendê-la com algũa tosca pintura, passo em silêncio o descrevê-la. Vinha também vestida de branco, e no peito trazia

ũa pérola muito grande, à roda da qual estavam escritas estas palavras: *sine fide impossibile est placere Deo* [Hebr.11:6]. (48v)

Uma variante foi introduzida na segunda parte do cortejo, no capítulo XXII, quando a Rainha entrou no Templo, acompanhada apenas de cinco virtudes: Devoção, Oração, Fé, Esperança e Caridade. A entrada de cada uma no espaço sagrado recorreu também à estrutura emblemática, conjugando o adereço caracterizador com uma letra, não escrita como seria regra, mas entoada:

Entrou a primeira a virtude Devoção com um turíbulo de finíssimo ouro, incensando o Templo com muita deligência e juntamente com muita graça e alegria, e ia cantando com voz suavíssima esta letra: *hilarem datorem diligit Deus*. Logo, em seu seguimento, entrou a virtude Oração, com outro turíbulo fumegando, e ao entrar entoou com doce harmonia este verso: *dirigatur, Domine, oratio mea sicut incensum in conspectu tuo*. Seguiu-se dipoes a virtude da Fé com a lanterna de cristal que levava na mão, e ao entrar levantou a voz com doce e suave canto, dizendo deste modo: *non extinguetur in nocte lucerna eius*. Seguiu-se imediatamente a virtude Esperança, a qual, logo que a Fé acabou de entoar a última cláusula, principiou ela entoando com docíssima harmonia: *quoniam Dominus spes eius est*. Entrou ultimamente, dipoes da Fé e Esperança, a divina virtude da Caridade, toda abrasada em fogosas chamas de divino amor, e o excesso e redundância daquele divino fogo a fez romper neste acendido afeto, pronunciado com doce canto: *Dilectus meus mihi, et ego illi: inter ubera mea comorabitur*. Logo imediatamente à Caridade, e sustentada ou reclinada em seu ombro, entrou a Rainha Vontade com muita alegria e júbilo, pronunciando estas palavras: *qui manet in charitate in Deo manet, et Deus in eo*. (51v)

A introdução do discurso emblemático na *Guerra Interior* constitui não só um tributo inegável à tradição constituída a partir dos emblemas de Alciato, como também a evidência de que esta linguagem, que conjugando a imagem e a escrita, fazia definitivamente parte de um código de celebração e de festividade que, desenvolvendo-se no século XVI, afirmou-se como recurso de importância significativa na ficção romanesca, na novela pastoril, na novela exemplar e na novela alegórica, do século XVII ao século XVIII.

Ilustrado com a doutrina do Companheiro sobre a guerra que decorria dentro de si mesmo, o Soldado assistiu ainda à última alegoria, a alegoria dos desposórios, constante em todas as novelas alegóricas (Augusto, 2009): retirando-se em oração para o Templo do Altíssimo, a Rainha Vontade descansou “felizmente nos braços do Esposo” (52).

O corte entre as duas dimensões vividas pelo Soldado, a interior e a exterior “a si mesmo”, quase não é referido. No último capítulo, depois de abundante doutrina sobre a oração e sobre a contemplação, o Soldado despediu-se do Companheiro, persuadido que se tratava de um Anjo do Senhor. Tocado pelo que dentro de si vira e pelas lições que ouvira, mudou de traje e de vida: deixou a vida militar, procurou asilo e pediu o hábito num convento, onde veio a servir de edificação para toda a comunidade:

(...) começou a fazer tão viva guerra às suas paixões, e apetites, a mortificar tanto os seus sentidos, e potências, que não andava, mas corria, e voava no caminho da perfeição; de sorte que

reduzida a sua república interior a ãa perfeita harmonia, gozava a sua alma muito frequentemente aquela bem aventurada paz, que costumam gozar, os que deveras se exercitam naquela espiritual, e interior guerra: assim continuou felizmente todo aquele tempo, que lhe durou esta mortal vida, tendo no fim dela aquela preciosa morte, que é própria dos justos, e predestinados, indo sua alma (como piamente devemos crer) gozar o prémio dos seus trabalhos no eterno descanso da glória à vista de Deus, que vive, e reina por séculos dos séculos. Ámen. (72v)

3. Esta leitura, mesmo que rápida e parcial, releva um conjunto de constantes que permitem a integração da *Guerra Interior* no seu contexto literário e religioso. Em primeiro lugar, a obra resulta de uma fusão entre a obra espiritual, o diálogo e a ficção, construindo o percurso da alma humana na sua vida no mundo através das três alegorias da viagem, do combate e dos desposórios finais. Acrescentando a descrição emblemática, pormenorizada nos adereços da prefiguração dos conceitos, encontramos uma estrutura repetida com assiduidade. Mesmo no que diz respeito à forma como se organiza o conteúdo catequético e a “história” do Soldado e da sua visão “interior”, já o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* tinha ensaiado a mesma estrutura com sucesso editorial considerável. Deste modo, favorecendo a imaginação, oferecia-se a lição útil, que vem a ser o princípio motivador e organizador da literatura espiritual e alegórica. Mesmo tendo em conta a inclusão de uma forte “causalidade mágica”, o “licor” que o Mancebo dá a beber ao Soldado faz parte de um interessante conjunto de objetos, utilizados também noutras narrativas alegóricas, ou mesmo anteriormente, nas novelas pastoris do início do século XVII (Augusto, 2010). Conclui-se assim que, apesar do efeito visual da conceção das duas cidades, da descrição dos antagonistas e do percurso de conversão que é desenhado na *Guerra Interior*, esta obra do Padre Matias de Andrade insere-se no âmbito da literatura espiritual produzida no seu tempo.

Contudo, não deixa de apresentar algumas notas suficientes para despertar o interesse de quem estuda estas matérias. Para a época conturbada de meados do século XVIII, em que o discurso racionalista ganhava espaço e as tendências teológicas abriam fissuras, entre o rigor jansenista e a passividade quietista, o Padre Matias de Andrade apresenta na *Guerra Interior* respostas simples para o homem religioso e inquieto. O principal aspeto reside na procura e no esforço para alcançar a “paz interior”, através de uma vivência íntima e individual com Deus. O processo é bem antigo: conhece-te a ti mesmo. Esse longo percurso implica um sério exercício de reflexão e de meditação, de “lucidez espiritual”, capaz de discernir, por entre os meandros afetivos do quotidiano, uma vereda sinuosa que distinga a “verdade” da virtude do “engano” do vício. A insistência na oração, neste caso a oração mental, é fundamental como forma de vencer a fragilidade interior, a que se associa a “ação”, afastando a tentação pelo constante exercício das virtudes.

Optando por um modo de expressão convencional, renovado pela fantasia e pela riqueza do imaginário barroco, com um evidente reforço da sensibilidade, Matias de Andrade distinguiu a Vontade como protagonista, fazendo-a Rainha. Na *Psicomaquia*, Prudência tinha

mandado construir o templo da Alma e tinha escolhido a Sabedoria com a rainha das virtudes. A mudança é substancial, definindo um percurso bem específico: que pode a vontade, quando orientada pelo amor divino, chegar onde não chega o entendimento, apenas conhecendo, por incapacidade de total amor e abandono.

Inclinando-se perante uma figura de Cristo humanizado, recolhendo no Evangelho o valor da oração e dos atos, o indivíduo é convidado a conhecer-se, a discernir, a exigir de si mesmo, a combater-se, a conquistar essa “paz interior”, possibilidade de alguma vivência feliz no tempo que nos é dado. A *Guerra Interior* é, numa última leitura, o caminho do exercício literário para uma atitude de verdadeira conversão.

## Bibliografia

- ANDRADE, Matias de (1743). *Guerra Interior*, Ms. do Fundo Antigo da Biblioteca D. Miguel da Silva, Biblioteca Municipal de Viseu.
- HORÁCIO (2001). *Arte Poética*. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- AUGUSTO, Sara (2007). “A *Guerra Interior*: ficção narrativa alegórica”. In ALMEIDA, Isabel, ROCHETA, Maria Isabel, AMADO, Teresa Amado (eds.). *Estudos para Maria Idalina Resina Rodrigues, Maria Lucília Pires, Maria Vitalina Leal de Matos*. Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 821-835.
- AUGUSTO, Sara (2009). “As histórias de Preciosa, Peregrina e Angélica ou as metamorfoses da Alma”. In MARQUES, Maria Alegria Fernandes (ed.). *Mulher. Espírito e Norma*. S. Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos de S. Cristóvão de Lafões, 31-48.
- AUGUSTO, Sara (2010). *A Alegoria na ficção romanesca do Maneirismo e do Barroco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / FCT.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (2000). “Os tempos humanos em busca de Deus. Sensibilidades, doutrinas e espiritualidade”. In *História Religiosa de Portugal*, II. S.l.: Círculo de Leitores, 13-47.
- FLETCHER, Angus (1982). *Allegory: The Theory of a symbolic mode*. Ithaca/London: Cornell University Press.
- LANCIANI, Giulia, TAVANI, Giuseppe (1993). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1965-1967). *Biblioteca Lusitana*. Coimbra: Atlântida Editora.
- MARQUES, João Francisco (2000). “A palavra e o livro”. I *História Religiosa de Portugal*, II. S.l.: Círculo de Leitores, 377-447.
- MARTINS, Mário S.J. (1980). “Psicomaquia ou Combate Espiritual”. In *Alegorias, Símbolos e Exemplos morais na Literatura Medieval Portuguesa*. Lisboa: Edições Brotéria, 173-181.
- PAIVA, José Pedro (2006). *Os Bispos de Portugal e do Império 1495-1777*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PRUDÊNCIO, Aurélio (1981). *Obras Completas de Aurelio Prudencio*. Madrid: La Editorial Católica, S.A.
- SANTOS, Eugénio Francisco dos (1978). “A crise de consciência em Portugal no século XVIII: uma tentativa de análise e superação. A obra do P.e Matias de Andrade (1680-1747)”. *Revista de História*. Porto: INIC/Centro de História da Universidade do Porto, 245-280.
- SANTOS, Eugénio Francisco dos (1982). *O Oratório no Norte de Portugal: contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto: INIC.

VERDELHO, Telmo (2002). “Matias de Andrade, *Viva Jesus filho instruído pelo melhor pai*. Um livrinho escrito em Freixo de Espada à Cinta (1731)”. In *Belarmino Afonso, in honorem*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 105-117.

SILVA, Inocêncio Francisco da (1858-1923). *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional.

.....

### RESUMO

Com o estudo desta narrativa alegórica, de edificação, reflexão e didática religiosa, a *Guerra Interior* (1743), de Matias de Andrade, padre oratoriano, pretende-se mostrar como o recurso à alegoria, procedimento corrente na literatura moral e exemplar do período barroco, permite a conjugação de um dos tópicos mais representativos da literatura e da arte com uma expressiva consciência didática e catequética. Desta relação resultou um texto que, cumprindo com os preceitos da doutrina sobre a conversão e a oração interior, apoiados nos Evangelhos e nos escritos dos Santos e dos Doutores da Igreja, recorre à ficção, à emblemática e outras estruturas visuais, como formas privilegiadas, resultantes da combinação eficaz entre o gosto e o preceito.

### ABSTRACT

Through the study of *Guerra Interior* (1743), an allegorical and religious didactic narrative by the Oratorian priest Matias de Andrade, we intend to portray how the use of allegory was a frequent procedure in moral and exemplary Baroque literature. This structure allows us to relate one of the most representative topics of literature and art with an edifying and doctrinal conscience. This has originated a text which, while fulfilling the precepts of internal conversion and prayer, advocated by the Scriptures and the writings by Saints and Doctors of the Church, preferentially employs fiction, emblematic and other visual structures, which effectively combine delight and precept.

.....